



Processos emergentes do jornalismo na internet brasileira: “novos jornalistas” na era da informação digital

*Emergent processes of Brazilian journalism
on the internet: "new journalists" in
the age of digital information*

Andre Deak^[a], Leonardo Foletto^[b]

Resumo

Em tempos de convergência tecnológica, o jornalismo tem passado por profundas transformações deontológicas e teóricas que têm ocasionado, por sua vez, transformações nas funções até então típicas do jornalismo. A partir do estudo realizado para uma dissertação de mestrado (DEAK, 2011) sobre alguns profissionais envolvidos em atividades jornalísticas tidas como emergentes no mundo digital, este trabalho propõe categorias para delimitar novas ocupações jornalísticas dentro do ciberjornalismo. São elas: jornalista programador, jornalista especialista em bancos de dados, gestor/editor de mídias sociais, jornalista multimídia, produtor *web* e

^[a] Jornalista, mestre em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP), membro do grupo de pesquisa em Comunicação, Jornalismo e Mídias Digitais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, SP- Brasil, e-mail: andredeak@gmail.com

^[b] Jornalista, doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), membro do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Jornalismo Digital da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC- Brasil, e-mail: leofoletto@gmail.com

Palavras-chave: Jornalismo digital. Ciberjornalismo. Internet. Redes sociais. Jornalismo em base de dados.

jornalista empreendedor. Essas categorias apontam para um “novo” jornalismo emergente na rede, que exige dos profissionais cada vez mais noções de área como programação de *sites*, desenvolvimento de bancos de dados, gestão de mídias sociais, produção multimídia, produção *web* e empreendedorismo.

Abstract

In this technological convergence Era, journalism has undergone profound changes in deontological and theory area that has led, in turn, many changes in the typical functions of journalism, especially in journalism produced on the internet. Through the study for a master thesis (DEAK, 2011) about some professionals involved in journalistic activities seen as emerging in the digital world, this paper proposes to define new professional categories in the cyberjournalism. They are: journalist programmer, journalist specializing in databases, managing editor/social media, multimedia journalist, web producer and journalist entrepreneur. These new categories indicate a kind of "new journalism" on internet, which increasingly requires that professionals have notions area as website programming, development and understanding of databases, social media management, production multimedia, web production, entrepreneurship and other related areas.

Keywords: *Digital journalism. Cyberjournalism. Internet. Social media. Datajournalism.*

Introdução

Desde o começo dos anos 90, o jornalismo vem passando por uma série de transformações estruturais – boa parte delas provocadas pela liberação do polo emissor que as redes telemáticas estão possibilitando. Para alguns pesquisadores como Martinez Albertos (1997), Levy (1999) e Hartley (2000), essa prática profissional tem pouco futuro e dificilmente resistiria até o fim da próxima década. Como diz André Lemos: “agora, todos podem (com recursos mínimos) produzir e circular informação sem pedir autorização ou o aval a quem quer que seja (barões das indústrias

culturais, *intelligentsia*, governos...)” (LEMOS, 2009, p. 8). Se agora qualquer um pode publicar o que (aparentemente) quiser, informar sobre o que está passando em seu quintal (e nos quintais mais próximos) sem intermediários, então para que pode ainda servir o jornalismo?

Desenvolvido como instituição social ainda no século XVII, o jornalismo moderno, que é aquele que na atualidade ainda identificamos diariamente em todo o planeta, parece negar-se a desaparecer de modo tão fácil e rápido quanto sustentado por pesquisadores como Martinez Albertos, Levy ou Hartley, entre muitos outros. Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que o jornalismo, como prática institucionalizada definida desde a primeira tese na área defendida pelo alemão Tobias Peucer em 1693 e fundamentada conceitualmente pelo teórico Otto Groth¹, na primeira metade do século XX, vai para além das tecnologias digitais; em vez de desaparecer devido às potencialidades oferecidas pelas novas ferramentas e meios desenvolvidos, o jornalismo se transforma, como demonstrado em vários estudos (FIDLER, 1997; GUNTER, 2003; MACHADO, 2000; PAVLIK, 2001; QUINN; LAMBLE, 2008). Se vai se transformar a ponto de não parecer em nada ao que hoje se identifica como jornalismo é uma questão ainda em aberto. O que se pode dizer é que transformações estão ocorrendo, e, até aqui, no ciberespaço, o jornalismo tem a possibilidade de reafirmar o seu intuito de ser uma forma de conhecimento baseado na apreensão das singularidades que ocorrem na realidade objetiva (ALSINA, 2005; GENRO FILHO, 1987; MACHADO, 2000; MEDITSCH, 1992; PARK, 1972).

Dentre as muitas transformações pelas quais o jornalismo está passando, uma das mais importantes diz respeito às atividades cotidianas do jornalista. Muito se fala que as organizações jornalísticas precisam se transformar para se “adaptar aos novos tempos”, mas é certo que seus profissionais também; como diz Salaverría:

no se pueden gestionar medios del siglo XXI con rutinas profesionales del XX. Y hoy día muchos periodistas perpetúan procesos de

¹ A obra de Groth a que se refere aqui é aquela apresentada em espanhol por Faus Belau (1966) e em português por Berger e Marocco (2006). Outra reflexão sobre o tema, mais organizada, encontra-se em *Die unerkannte culturmacht. Grudlegung der zeitungswissenschaft (O desconhecido poder da cultura: fundamentação da ciência jornalística)*, estudo em seis volumes que começou a ser publicado em 1960 e que ocupou o pesquisador alemão até sua morte, em 1965. Infelizmente, essa obra não se encontra traduzida para nenhuma outra língua que não o alemão, o que dificulta o estudo em escala mundial da teoria jornalística de Groth.

trabajo y mentalidades profesionales ancladas en un tiempo pasado. Sorprende que tantos periodistas, a pesar de estar acostumbrados por su trabajo a enfrentarse con lo más novedoso, sean al mismo tiempo tan refractarios a renovar sus propios modos de trabajar (SALAVERRÍA, 2012, p. 14).

A proposta inicial deste artigo é buscar entender quais são as transformações que têm ocorrido nas atividades realizadas por jornalistas que, provavelmente, estão a motivar as transformações profissionais. Os “novos jornalistas” que trabalham no que aqui chamamos de “processos emergentes de jornalismo na internet” (DEAK, 2011) são profissionais que, em geral, lidam com produtos “especiais”, dentro de grandes portais multimídias ou de forma independente, e trabalham nas intersecções entre tecnologia, *design* e jornalismo (AGNER; SILVA, 2003).

“Novos” jornalistas digitais

Rodolfo Walsh, Ryszard Kapuściński, Joel Silveira, Gay Talese e Truman Capote foram considerados ícones do novo jornalismo – o *new journalism*, popularizado no final da década de 1960 nos Estados Unidos e que trouxe ferramentas da literatura para a produção jornalística. Hoje, talvez faça mais sentido falar em “novo jornalismo” como aquele que, para contar histórias, busca trabalhar com as infinitas novas ferramentas, muitas delas ainda nem sequer descobertas, que a tecnologia digital está trazendo ao cotidiano profissional.

As linguagens em bits permitiram o surgimento de repórteres multimídia, convergências de processos, novas narrativas. Se as habilidades de tirar fotos num celular, escrever em 140 caracteres, filmar e editar vídeos são dominadas por uma criança, é difícil imaginar que essas habilidades não serão um pré-requisito quando essas crianças estiverem chefiando uma redação (GALLO, 2005).

Há quem encare isso de diversas maneiras, mais ou menos otimistas (CARLIN, 2009). Uma delas é considerar isso um problema; é provável que muitos atuais jornalistas que pensam assim viverão como viveram os jornalistas nas últimas décadas – poderão se tornar muito bons em uma especialidade, desenvolver habilidades de reportagem ou edição (no texto, rádio ou TV), seguir uma carreira monomídia. Outros são otimistas e veem aí uma oportunidade. Os que enxergam assim fazem tudo o que aqueles fazem, mas também têm a chance de criar um novo jeito

de fazer jornalismo, usar ferramentas de outros campos, fundir as mídias, experimentar a interatividade, o poder das redes e da colaboração.

Em muitas dessas ocupações desse “novo jornalismo”, muito mais do que produção, o jornalista passará a ter como função a edição do fluxo de informações. Uma das funções passa a ser a de arquiteto da informação. Segundo a pesquisadora Elizabeth Saad (2007):

Richard Saul Wurman, um arquiteto americano que ao longo de sua carreira passou da concepção de formas para a concepção de conteúdos formatados, propõe esse novo verbete: Arquiteto da Informação. sm. 1) O indivíduo que organiza padrões inerentes a dados, esclarecendo complexidades. 2) Uma pessoa que cria estruturas ou mapeia informações que possibilitam a busca de caminhos individuais de conhecimento. 3) o profissional emergente do século 21, voltado para as necessidades de sua era, buscando clareza, conhecimento humano e a ciência da organização de informações.

Mas qual seria esse “novo” jornalismo? Quais são os processos que estão surgindo, muitos deles ainda não ensinados pelas universidades e não necessariamente exigidos pelas empresas, mas que um pequeno grupo de profissionais já realiza? Algumas hipóteses sobre essas atividades surgiram após uma série de entrevistas realizadas num período de, pelo menos, dois anos, todas publicadas no *blog* Jornalismo Digital.org. Foram realizadas diversas entrevistas com jornalistas, produtores, blogueiros e outros profissionais ligados de alguma forma à convergência e a processos multimídia no jornalismo, brasileiros e estrangeiros, como Jamie King (Vodo.net), Fred di Giacomo e Luiz Iria (Abril, Superinteressante), Yoani Sanchez (Generación Y), Eugênio Bucci (USP, ESPM), Maria Arce (Clarín), Manuel Carlos Chaparro (USP), Daniel Florêncio (Current TV), Daniela Ramos (Cáspere Líbero), Pollyana Ferrari (PUC-SP), Zach Wise (The New York Times), Alberto Cairo (Revista Época), Julliana de Melo (JC Online), Nina Simões (University of the Arts London) e outros.

A partir daí buscou-se encontrar jornalistas que já trabalham em um novo regime de produzir reportagens para a internet, de diversas maneiras. A pesquisa, realizada para a dissertação de mestrado na USP (DEAK, 2011), trouxe “jornalistas brasileiros que trabalham na internet em processos emergentes”, sejam de grandes ou pequenos veículos, empreendedores ou *freelancers*. As entrevistas focaram a rotina profissional, alterações nessa rotina e na técnica, e foram todas feitas após revisão bibliográfica e leitura de subsídios conceituais. Os profissionais

cujas rotinas serviram como objeto para a pesquisa foram nove: Ana Brambilla (ex-Terra), Daniela Silva (Esfera.org), Daniel Jelin (Veja.com), Denis Russo Burgierman (Webcitizen), Frederico di Giacomo (Editora Abril), Gustavo Belarmino (JC Online), Marcelo Soares (Folha de S. Paulo), Paulo Fehlauer (Garapa.org), e Pedro Valente (Yahoo!).

Muitos dos jornalistas entrevistados poderiam ser enquadrados em várias das categorias que identificamos ao mesmo tempo. Sendo assim, a opção foi agruparmos os resultados por categorias de atividades e o que seriam suas descrições, em vez de separarmos cada um dos entrevistados. Cada uma dessas categorias encontradas tem, em maior ou menor número, diversas pesquisas específicas, que abordam esses processos sob muitos pontos de vista, por vezes divergentes. Separamos em oito categorias esses “novos jornalistas”: *jornalista programador*, *jornalista especialista em bancos de dados*, *gestor/editor de mídias sociais*, *jornalista multimídia*, *produtor web* e *jornalista empreendedor*. A seguir, vamos detalhar cada uma delas.

O jornalista programador

Todos os entrevistados concordaram que jamais será necessário, ou exigido como padrão que um jornalista saiba programar códigos – basta o português, um código já bastante complexo. Todos também concordaram que as universidades não devem se debruçar sobre o ensino de linguagens – apesar de alguns julgarem interessante mostrar algumas ferramentas básicas como o código primário sobre o qual a *Web* está construída, o HTML, e talvez algumas explicações sobre bancos de dados. No entanto, praticamente todos também concordaram que, atualmente, jornalistas que compreendem a linguagem de código podem ter nas mãos um grande diferencial para o mercado de trabalho. Conforme Pedro Valente, jornalista que trabalha no Yahoo! como gerente de projetos:

Eu sou mais um programador-jornalista. Mas não sei se tem um rótulo, porque a gente faz várias coisas. Um dos meus objetivos era colocar um *site* no ar sozinho. Então fiz tudo: programação, texto, *design*. É claro que algumas coisas saem melhores que as outras, mas a gente acaba fazendo um pouco de tudo. [...] Eu tenho que conversar com *designers* e programadores o dia todo, e preciso transmitir o que o usuário quer. Tudo o que aprendi de linguagem técnica é importante para essas conversas. Não sei se eu seria um bom programador, acho que seria pior que eles, mas esse

conhecimento, saber qual coisa mais ou menos complexa, isso me permite conversar com eles com algum respeito. O fato de eu ter ido atrás e aprendido a programar me ajudou muito (VALENTE, 2011).

Em inglês, é comum o uso do termo *tech-savvy* para esse perfil profissional, que poderia ser traduzido para “proficiência no uso de tecnologia, especialmente computadores”, o que se aproxima bastante da definição de uma característica desses jornalistas. Não se trata de uma habilidade específica com determinado equipamento ou programa, mas a capacidade de resolver problemas que surgem no ambiente dos sistemas digitais. Esses jornalistas acabam servindo como uma espécie de “suporte técnico” da área de TI, e ouvem frequentemente pedidos de seus colegas para ajudarem em situações como: “não consigo instalar esse programa”; “não consigo imprimir”; “meu *skype* não funciona”; “como acho isso na internet?”, “qual configuração de computador é boa para mim?”, entre outros pedidos similares.

Além de serem usuários avançados da *Web* (*hard users*), também são capazes de encontrar e utilizar *softwares* de conversão (de vídeo, de áudio), e realizar operações técnicas diversas, como montar redes *Wi-Fi*, configurar roteadores, instalar placas de captura de vídeo e de áudio em *notebooks*. A partir da pesquisa, encontramos alguns requisitos para o jornalista-programador: a facilidade para lidar com códigos e programas de computador, o bom conhecimento de matemática e a proficiência no uso de tecnologias e da internet.

O jornalista especialista em bancos de dados

Nos Estados Unidos, o termo *data driven journalism* vem sendo utilizado para se referir ao tipo de jornalismo que se utiliza de dados organizados em bancos como parte fundamental da apuração. Uma tradução livre seria algo como “jornalismo guiado por bancos de dados”, ou “jornalismo orientado por bancos de dados”. Há apenas algumas décadas, jornalistas que se especializavam em bancos de dados precisavam ter habilidades de informática muito além do que seria razoável para alguém que não é da área da computação ou não é programador. Agora, muitos dados brutos começam a circular na rede, e existe uma série de aplicativos, *softwares* e ferramentas que permitem gerar visualizações e camadas de interfaces simples para leitura e cruzamento desses dados. O jornalista Marcelo Soares comenta:

Geralmente, a pergunta que a pessoa faz é “visualização de dados é jornalismo?”, “Twitter é jornalismo?”, “não-sei-o-quê é jornalismo?”. Eu acho a pergunta meio besta. Porque tudo pode ser apropriado de forma jornalística. Nesse ponto, eu admiro os publicitários. Os publicitários não têm essas coisas filosóficas. Surge o Twitter, eles no dia seguinte já estão usando para fazer propaganda. Eles estão usando pra vender alguma coisa. Eles não querem saber se o Twitter é publicidade. Cada vez surgem mais possibilidades de trabalhar com informação. E essas possibilidades podem ser utilizadas para a informação jornalística. Fácil? Fácil não, dá trabalho. Mas elas podem ser apropriadas pelo jornalismo (SOARES, 2011).

Daniel Jelin, outro jornalista que trabalha com bases de dados, mas na criação de infografias, conta que realiza hoje atividades que ele considera que não existiam antes, pelo menos não da forma como existem atualmente:

Bases de dados, interatividade, redes sociais, hipertexto, hiperlinks em geral, *newsgaming*... Tudo isso eu já vi gente falando que não é exatamente novidade, porque os conceitos são mais largos, e já tinha disso no rádio ou na TV e mesmo nos impressos. Mas não creio: pra mim, isso é novo. Pelo menos o relevo que ganharam é novo. É a cara da internet: um monte de gente ligada a um monte de gente, intermediadas por superprocessadores que computam, computam, computam sem parar (JELIN, 2011).

Alguns requisitos para essa função são a facilidade para organizar dados, capacidade e conhecimento para buscas na chamada *Web Profunda*², conhecimentos de RAC (Reportagem com Auxílio do Computador), matemática, algumas disciplinas de Biblioteconomia e de Ciências da Computação, especialmente ligadas ao funcionamento e criação de bases de dados. Áreas da biblioteconomia como classificação por palavras-chave (tagsonomia) e classificação semântica (folksonomia) são importantes também.

² A *web profunda* é o espaço *online* onde estão planilhas, arquivos, bases de dados cujo conteúdo não é encontrado por buscadores. Como os dados que fazem parte das planilhas do IBGE, por exemplo.

O gestor/editor de mídias sociais

As redes sociais se tornaram, nos últimos 10 ou 15 anos, parte importante de diversos processos de apuração jornalística. Não são apenas locais para encontrar fontes, mas, quando mobilizadas, podem inclusive produzir jornalismo, o chamado jornalismo colaborativo, ou participativo, *open source*, *crowdsourcing*, ou ainda cidadão, entre outros nomes que ainda estão em discussão, mas mesmo quando as pessoas não são provocadas a produzir informação, casos como o da Primavera Árabe, especialmente na Tunísia e no Egito³, mostraram que os cidadãos podem ter participação importante em coberturas jornalísticas.

Atualmente, diversos jornalistas profissionais se dedicam a mediar essa relação entre o que é produzido na rede, por qualquer pessoa, e o veículo jornalístico no qual trabalham. Vários portais brasileiros, como Terra (VC Repórter), iG (Minha Notícia), O Globo (Eu-repórter) e Estadão (FotoRepórter) utilizam esses recursos há anos. O trabalho do jornalista, nesses casos, é normalmente o de um editor de um material às vezes bruto e/o de guia, que vai ensinar algumas regras e técnicas básicas da profissão a quem tiver o interesse em realizar alguma peça jornalística. Existem diferentes níveis dessa edição, mais ou menos permissiva, seguindo padrões editoriais (e políticos) que determinarão o nível de liberdade que os colaboradores do veículo terão. A moderação, segundo os jornais, é necessária para manter a credibilidade do veículo.

O nome dessa função ainda não é consenso, como ocorre com todas as outras funções emergentes analisadas aqui. Editor de mídias sociais é o mais comum, segundo a jornalista e pesquisadora Ana Brambilla. “Depois de tentar separar editor de redes sociais, como sendo de relacionamento, e mídias sociais, em que a produção de conteúdo era maior e mais importante que o relacionamento (como no caso do Flickr), resolvi usar como sinônimo” (BRAMBILLA, 2011).

Alguns requisitos para o gestor de mídias sociais são: compreensão e uso frequente de redes sociais (*hard-user*), facilidade para comunicação *online*, capacidade de pesquisa na internet, capacidade de mediação

³ Uma revolução iniciada na Tunísia em dezembro de 2010 adquiriu proporções regionais e alcançou também o Egito e a Líbia, principalmente, no que se convencionou chamar de “Primavera Árabe”. Em todos os casos, as redes sociais Facebook e Twitter serviram para gerar informação jornalística e tiveram papel importante na organização descentralizada dos manifestantes.

entre a produção do público e as diretrizes editoriais, organização, e, num sentido amplo, edição. Outros requisitos são: não ser resistente a plataformas, linguagens, ferramentas; não ter medo do público, ou resistência a comentários do público; ter disponibilidade para atuar como em ouvidoria – sem representar essa instituição, propriamente –, paciência, curiosidade, atenção para checar – há quem tente vender informações, boatos, com as mais diferentes finalidades; ter ética e boas maneiras voltadas para as relações na rede; ser organizado para trabalhar com planilhas e horários de intervenção nas redes, de acordo com um planejamento.

O jornalista multimídia

Captar e editar vídeo e áudio, ou ainda captar, revelar e editar fotografias era um processo tão complexo há duas décadas que estava restrito a especialistas. A digitalização desses processos, aliada ao barateamento dos aparelhos que realizam essas funções, criou um verdadeiro exército de produtores multimídia na sociedade, e os jornalistas não ficaram alheios a essas possibilidades. Muitos desses profissionais começaram a explorar diferentes áreas de atuação com aparelhos simples, mas capazes de realizar processos multimídia.

Acho lindo combinar, misturar as plataformas de mídia. Acho lindo quando cada recurso – a foto, o texto, o vídeo, o infográfico, a numeralha, o documento, as aspas, a animação, a caricatura, o áudio etc. – dá o seu melhor pra contar cada parte da história. Ou histórias. [...] Nas reportagens em que desempenhei papel de repórter, coube a outra pessoa fechar, e a mim mesmo cuidar da articulação com a arte/foto/vídeo e, eventualmente, a própria confecção da arte/foto/vídeo. Já nas reportagens em que desempenhei papel de editor, coube a mim editar e cuidar da articulação com a arte/foto/vídeo e ponto. Mas é uma impressão. Como disse, nunca reconheci muito bem uma linha de montagem na internet (JELIN, 2011).

Fred Di Giácomo, da Editora Abril, conta que, no seu dia a dia de “jornalista multimídia”, lida com diversas plataformas diferentes como áudio, vídeo, jogos, texto. “Edição de texto, edição de *games* e infográficos, criação de roteiros e mecânicas de jogos, redesenho de *sites*, planejamento de estratégias em redes sociais e *sites*, gestão de

peças e também várias reuniões com as áreas de *marketing*, publicidade e TI” (GIACOMO, 2011). Já Paulo Fehlauer, da produtora/coletivo Garapa.org, trabalha em praticamente todos os processos de uma reportagem multimídia

Vou da concepção à realização do projeto, trabalhando em praticamente todas as etapas: concepção, redação, fotografia, edição, vídeo, *web*, distribuição. Se, em determinado projeto, não realizo alguma etapa com as próprias mãos, trabalho na orientação dessa execução (FEHLAUER, 2011).

Entre os entrevistados que produzem jornalismo multimídia, quase todos citaram duas funções como primordiais em seu trabalho: a criação de um roteiro e experimentação narrativa. Essas características, que há aproximadamente quinze anos estavam estritamente ligadas ao cinema de ficção e documental, hoje estão relacionadas ao jornalismo na internet.

Alguns dos requisitos encontrados para o jornalista multimídia são conhecer os processos digitais de produção e edição de foto, áudio e vídeo, incluindo seus *softwares*; capacidade para criar narrativas multimídia interativas não lineares ou lineares e noções de programação em linguagem HTML para desenvolver as plataformas na rede em que tais reportagens serão publicadas.

O produtor *web*

O produtor é uma função conhecida, especialmente na área cultural, como aquele que permite a realização do evento, seja ele qual for (um *show*, espetáculo, filme, apresentação ou mesmo um fórum de debates). No cinema e na televisão, produtores costumam alugar os espaços de filmagem e organizar a logística de transporte da equipe. Já na internet, e especificamente no jornalismo na internet, a figura do produtor aparece em jornalistas que não necessariamente sabem executar todas as tarefas de uma reportagem multimídia interativa, mas conseguem organizar profissionais capazes de construir essa narrativa.

Esses profissionais compreendem, por exemplo, qual o potencial de cada jornalista, desenvolvedor ou *designer* que irá compor a equipe e às vezes também gerenciam essa equipe, muitas vezes exercendo a função de um “gerente de projeto”, em que o projeto é a construção de uma reportagem que será apresentada num formato especial, como um *site*

interativo, por exemplo. Pedro Valente, do Yahoo!, explica um pouco sua função na organização:

O que eu faço é definir as prioridades do produto e ajudar a equipe a realizá-las, uma por vez. Trabalhamos com *Scrum*, uma metodologia ágil. Existe a figura do *Project Owner*, esse é meu papel. O time diz o que pode fazer e em qual período de tempo. E eu faço o *lead* das tarefas, o que vai ser feito primeiro (VALENTE, 2011).

Alguns requisitos para o produtor *web* são conhecer arquitetura da informação, ter noções de *design*, programação, jornalismo multimídia, gestão de pessoas e de processos, além de noções específicas de administração, direito (autoral, especialmente), criatividade, ética e capacidade para gerir projetos.

O jornalista empreendedor

A função do empreendedorismo não foi prevista como uma atividade emergente entre os jornalistas brasileiros, mas surgiu a partir das observações feitas em campo e das entrevistas realizadas. A observação dos produtores *web* no jornalismo trouxe a noção de que poderia haver um passo adiante na profissão, em que esse produtor poderia ser considerado também um empreendedor. Na produção cultural, há a figura do produtor-executivo: aquele que realiza o orçamento do projeto, cria cronogramas de execução, imagina e busca fontes de recursos para a concretização dos objetivos previstos no projeto. O produtor tem, em muitos casos, uma visão mais ampla, que inclui o mercado e a articulação de parceiros. Esse já é caso de alguns jornalistas, que podem ser chamados de empreendedores, estejam realizando seus projetos próprios ou não.

No entanto, jornalistas que realizam funções administrativas não são novidade. Processos de chefia e cargos como os de *publisher* há muito são ocupados por jornalistas, especialmente em empresas de comunicação. A diferença e talvez a grande mudança ocorrida há poucos anos foi que a distribuição da informação jornalística já não está limitada à logística física – produção, distribuição, venda de produtos como jornais e revistas –, ou a concessões públicas de rádio e TV. Não era qualquer um que começava a produzir jornalismo e distribuir em larga escala. Mas com a simplicidade para criar um veículo *online*, a um custo quase zero, alguns jornalistas viram na *web* a oportunidade para testar novos caminhos em vez de tentar construir carreiras dentro das empresas jornalísticas tradicionais.

Requisitos para o jornalista empreendedor são difíceis de esmiuçar. Como se ensina alguém a ser um empreendedor, a resolver problemas que ainda não foram inventados? Visão, motivação, determinação, foco e dedicação estão entre características citadas pelos textos de administração para o empreendedorismo. Possivelmente, esse seja um processo jornalístico emergente dos mais complexos.

A internet, apesar de ter já algumas décadas, está ainda em construção – assim como as oportunidades e os problemas surgidos com ela. O jornalista que buscar, nesse meio, processos inovadores e que sejam sustentáveis financeiramente terá que acompanhar tendências, ou talvez até mesmo criá-las; e buscar qualidade editorial, com bases éticas sólidas – fatores que já eram necessários mesmo no modelo de negócio mais tradicional. Será preciso experimentar novas fronteiras entre o jornalismo, o empreendedorismo, a produção e a internet.

Referências

AGNER, L.; SILVA, F. Uma introdução à disciplina de arquitetura de informação: conceitos e discussões. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 2, 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPED, 2003.

ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BARBOSA, S. Jornalismo de portal: novo formato e categoria para o jornalismo digital. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003. p. 159-186.

BARBOSA, S. Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE PERIODISMO EN LA RED. FORO WEB 2.0: BLOGS, WIKIS, REDES SOCIALES Y E-PARTICIPACIÓN, 3, 2008, Madrid **Anais...** Madrid: Facultad de Periodismo, Universidad Complutense de Madrid, 2008. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/JOL/pdf/2008_Barbosa_RedUCMx.pdf>http://www.facom.ufba.br/JOL/pdf/2008_Barbosa_RedUCMx.pdf>http://www.facom.ufba.br/JOL/pdf/2008_Barbosa_RedUCMx.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BERGER, C. MAROCCO, B. (Org.). **A era glacial do jornalismo – teorias sociais da imprensa**: pensamento crítico sobre os jornais. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CARLIN, J. El futuro de la prensa: el momento crucial. **El País**, 10 maio 2009. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/reportajes/momento/crucial/elpepusocdmg/20090510elpdmgrep_1/Tes>. Acesso em: 10 jan. 2012.

DEAK, A. **Novos jornalistas do Brasil: casos de processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2011.

FAUS BELAU, A. **La ciencia periodística de Otto Groth**. Pamplona: Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra, 1966.

FIDLER, R. **Mediamorphosis: understand new media**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

GALLO, J. **El periodismo actual es obsoleto**. 2005. Disponível em: <<http://www.juliangallo.com.ar/2005/12/el-periodismo-actual-es-obsoleto-2/http://www.juliangallo.com.ar/2005/12/el-periodismo-actual-es-obsoleto-2/http://www.juliangallo.com.ar/2005/12/el-periodismo-actual-es-obsoleto-2/>>. Acesso em: nov. 2008.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GUNTER, B. **News and the net**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

HARTLEY, J. Communication democracy in a redactional society: the future of journalism studies. **Journalism: Theory, Practice and Criticism**, v. 1, n. 1, p. 39-47, 2000.

LEMONS, A. Prefácio. In: AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento editorial, 2009. p. 7-21.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, E. **La estructura de la noticia em las redes digitales. Un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo**. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Departamento de Periodismo y Ciencias de la Comunicación de la Univesidad Autónoma de Barcelona, 2000.

MACHADO, E. **O Ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MARTINEZ ALBERTOS, J. L. **El ocaso del periodismo**. Barcelona: Cims, 1997.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do jornalismo na web**. 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/doc/luciana_papersopcom.doc>. Acesso em: 15 mar. 2011.

PARK, R. E. A notícia como uma forma de conhecimento. In: STEINBERG, C. **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 150-175.

PAVLIK, J. V. **Journalism and new media**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2001.

QUINN, S.; LAMBLE, S. **Online newsgathering**: research and reporting for journalism. Oxford: Focal Press, 2008.

SAAD, E. Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e delineamento do campo brasileiro. In: SEMINÁRIO DO ACORDO DE COOPERAÇÃO BRASIL-ESPANHA FACOM/UFBA. Salvador, 3 a 7 de dezembro de 2007. **Documento...** Salvador, 2007.

SALAVERRÍA, R. Medios y periodistas ¿Un futuro compartido? **Cuadernos de Comunicación**, n. 7, 2012.

Entrevistas

BELARMINO, G. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

BRAMBILLA, A. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak via Skype. São Paulo e Porto Alegre, jun. 2011.

BURGIERMAN, D. R. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

CAIRO, A. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, mar. 2010.

CHAPARRO, M. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

FEHLAUER, P. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

FERRARI, P. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, março 2011.

GIACOMO, F. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

IRIA, L. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

JELIN, D. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

KING, J. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

MELO, J. de. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, abril 2010.

DEAK, A.; FOLETTO, L.

RAMOS, D. O. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, abril 2011.

SANCHES, Y. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

SIMÕES, N. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, abril 2010.

SOARES, M. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Mateus Rodrigues sob orientação de Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

VALENTE, P. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, maio 2011.

WISE, Z. **Processos emergentes do jornalismo na internet**. 2011. Entrevista concedida a Andre Deak. São Paulo, março 2011.

Recebido: 29/01/2013

Received: 01/29/2013

Aprovado: 26/02/2013

Approved: 02/26/2013